

Pelo bem da Igreja Uma declaração na sequência da Sessão Especial

A nossa Conferência Geral reuniu-se há precisamente 39 dias em St. Louis, Missouri. Com uma margem de 54 votos, aprovámos o Plano Tradicional, que endurece a aplicação das atuais proibições do casamento entre pessoas do mesmo sexo e da designação e ordenação de clérigos homossexuais. Em resultado dessa decisão, algumas pessoas sentiram alívio. Outras pessoas sentiram desilusão e dor. Muitos dos nossos irmãos LGBTQIA+ manifestaram que a nossa decisão em St. Louis os feriu profundamente. Sentiram-na com uma rejeição do seu próprio ser.

Como vosso presidente e CCMO, lamentamos as formas pelas quais, como Conferência Geral, por vezes não demonstrámos o amor e respeito uns pelos outros que devíamos ter demonstrado, magoando-nos uns aos outros com as nossas palavras, atitudes e ações. Estamos cientes de que ver isso acontecer foi doloroso para todos nós, especialmente para os nossos membros da família LGBTQIA+. Queremos dizer aos nossos irmãos LGBTQIA+: afirmamos o vosso valor como filhos de Deus, como membros da família de Cristo. Valorizamos-vos, e valorizamos os vossos dons para o sacerdócio. São bem-vindos aqui.

Lamentamos a divisão da nossa igreja. Lamentamos ter lutado uns com os outros durante décadas sobre como devemos estar no ministério com pessoas, cuja identidade própria é lésbica, homossexual, bissexual, transexual, gay, intersexual ou assexual. Lutámos há décadas sobre diferentes entendimentos e interpretações das Escrituras.

Temos estado a lutar. E independentemente do que pensamos como indivíduos sobre a autoridade bíblica ou sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo, é uma realidade que todas as lutas destruíram o nosso corpo, o nosso testemunho, e dos seres humanos muito reais que são apanhados nas nossas lutas.

Apesar de muita oração e centralidade espiritual no culto, a Conferência Geral foi um testemunho muito público de que entrámos numa guerra legislativa e ideológica, uns contra os outros. Foi um testemunho público de que pegámos em armas e as utilizámos uns contra os outros. Foi um testemunho público de que lesámos o nosso próprio corpo.

E lesámos o testemunho da igreja. Talvez tenham visto os artigos nos jornais, alguns sobre acusações de fraude eleitoral. Amigos, isto é o testemunho de uma igreja que não nos pertence. Foi o testemunho da igreja de Jesus Cristo que lesámos. Foi o seu corpo que lesámos com as nossas lutas.

Senhor, tende piedade de nós.

No meio de todo o conflito e dor, uma coisa ficou clara na Sessão Especial. Estamos divididos e talvez não consigamos reconciliar as nossas diferenças com integridade. O conflito e a divisão irão provavelmente continuar. O clero, especialmente nos EUA, já declarou a sua resistência através da realização de casamentos entre pessoas do mesmo sexo. Sabemos que os Conselhos de Ministério Ordenado declararam continuar a recomendar candidatos para designação e ordenação, independentemente da sua orientação sexual. Ouvimos falar de membros de clero

entregarem as suas ordens, de igrejas e conferências anuais prontas a cessar o pagamento de contribuições ou a deixar a comunidade religiosa integralmente, de seminários questionarem a sua filiação na Igreja Metodista Unida, de conferências anuais, uma jurisdição norte-americana completa, e de uma conferência central europeia fazerem declarações de resistência. Para nós é claro que esta divisão não acabou, nem vai acabar com a votação em St. Louis. Não haverá paz.

O Livro de Jeremias menciona estas palavras em Jeremias 6:14:

«E curam a ferida da filha do meu povo levianamente, dizendo: Paz, paz; quando não há paz.»

Como vosso presidente e CCMO, não podemos continuar a fazer o mesmo de sempre e ignorar a ferida de nossa igreja. Não podemos dizer, «Paz, Paz», quando não há paz. E consideramos que não há paz nesta situação atual, porque a Sessão Especial revelou diferenças que são mais profundas, do que as diferentes opiniões sobre a sexualidade humana. Consideramos que as revelações na Sessão Especial foram visões muito diferentes sobre o que significa ser a igreja em missão. Fundamental para o nosso impasse, não só são as diferentes hermenêuticas, mas também as diferentes eclesiologias e missiologias.

Por mais que tenhamos trabalhado conjuntamente em todos os nossos ministérios pela unidade da igreja, acreditamos que, por causa dessas diferenças fundamentais, não pode haver unidade como a entendemos e praticamos no passado. Acreditamos que precisamos de reconhecer as conversações realizadas ao longo da nossa ligação sobre as formas de avançar no ministério, talvez mesmo em caminhos separados.

Senhor, tende piedade de nós.

Amigos, queremos perspetivar um futuro para a igreja que seja marcado por uma paz sustentável. Uma paz que não seja construída sobre um apoio claro e amplo (independentemente de que plano teria sido aprovado), não é sustentável. A luta contínua não é sustentável.

Por isso, a nossa pergunta para vocês hoje é: como chegamos a um lugar de paz? Como honramos as nossas crenças e os nossos valores de forma a trazer paz? Como vamos conseguir respeitar-nos um ao outro apesar das nossas diferentes formas de pensar? Como vamos manter as nossas próprias convicções sem atropelar as convicções das outras pessoas? Como vamos conseguir olhar-nos nos olhos e abençoar-nos uns aos outros como irmãos e filhos de Deus?

No centro destas questões está o desejo de uma solução que traga paz e a liberdade de avançar para o futuro com integridade.

Acreditamos que para alcançar esse tipo de futuro temos de definir uma unidade baseada na nossa tradição wesleyana comum e no nosso compromisso comum com o âmbito missionário, mas isso não é necessariamente definido de forma organizacional, estrutural ou na nossa política. Não estamos a sugerir nenhum plano específico. Em vez disso, estamos a assinalar a necessidade de avançar de forma a lidar com a realidade atual da nossa igreja. Por isso, estamos aqui para apelar à igreja:

- Apelamos à igreja, neste período da Quaresma, que entre conosco em confissão, arrependimento pelas nossas lutas e pelas formas como nos ferimos, e em oração profunda.
- Apelamos à igreja que entre em reflexão sobre a nossa eclesiologia e a nossa missiologia. Como podemos descrever sem juízos de valor as diferentes visões sobre a igreja e a sua missão que se verificaram na Sessão Especial? Como poderão os nossos eruditos da Igreja Metodista Unida ajudar-nos a definir melhor a nossa eclesiologia e missiologia, de forma a libertar-nos a todos para o ministério?
- Apelamos à igreja que entre em reflexão sobre a nossa história, particularmente a criação da Igreja Metodista Unida em 1968 e o fim da Jurisdição Central. Como poderá esta união de forma mais justa informar-nos, num período em que talvez seja necessário criar novas estruturas?
- Apelamos à igreja que entre em reflexão sobre a nossa política e as formas pelas quais a nossa governação nos ajuda ou prejudica neste período sensível na vida da nossa comunidade religiosa. Como poderá ser utilizada a nossa política em boa-fé para nos libertar a todos para os âmbitos missionários em que fomos colocados e para os quais fomos chamados?
- Apelamos à igreja que entre em conversações dentro, entre e para além de todas as fronteiras. Incentivamos a inclusão dos nossos irmãos LGBTQIA+, dos membros de todas as ligações mundiais e dos nossos parceiros ecuménicos nessas conversações. Incentivamos a inclusão dos nossos jovens e das pessoas de cor. Essas conversações, algumas das quais já ocorrem, podem reunir mulheres e homens, clérigos e leigos, pessoas com poder e pessoas sem poder.
- Apelamos à igreja que entre numa conversação que se baseie na realidade da nossa situação, mas que, em última instância, caminhe no sentido da esperança. Este é um momento seminal na vida da nossa igreja. Se fizermos uma escolha, não tem de ser um momento de destruição. Pode ser um momento gerador, em que nos abrimos para o Espírito Santo e para algo novo que Deus poderá fazer dentro e através de nós.

As conversações que estamos a sugerir devem incorporar a sabedoria da instituição, reconhecendo, no entanto, que a instituição nos falhou de várias formas. De facto, como representantes da igreja institucional, sabemos que as respostas não virão de nós. Mas temos um papel a desempenhar. Podemos reconhecer as conversações que já estão a ser realizadas e criar espaço para essas conversações — espaço esse que nos manterá na tensão criativa que nos poderá fazer avançar, impedindo ao mesmo tempo a implosão da nossa comunidade religiosa para o caos.

Não estamos a pedir outra Comissão. Estamos a pedir conversação e reflexão em busca de uma solução amigável. E interrogamo-nos se a Mesa Conexional, na sua função de organismo que discerne e articula a visão, que gere a missão, o ministério e os recursos da nossa comunidade religiosa, poderá começar a fazer interligações e incentivar essas conversações, reconhecendo que estas já ocorrem. Interrogamo-nos se a Mesa Conexional (CT) pode ajudar a mediar as conversações e unir as pessoas com quem mantemos relações. Interrogamo-nos se podemos ajudar a fornecer essa «rede vital de relações interativas» que constitui a própria essência da conexidade mundial.

Apelamos também à CT que lide honestamente com o impacto da Sessão Especial no nosso próprio trabalho. Particularmente, tendo em conta a nossa função de garantir a eficácia missionária das nossas agências gerais, incentivamos a discussão dentro da CT sobre as vulnerabilidades muito reais das nossas agências gerais e dos seus ministérios neste ambiente incerto.

No espírito do período da Quaresma, convidamos-vos a refletir sobre o Salmo 51: 1-12 e a mergulhar num período de confissão e oração silenciosa. Iremos partilhar o salmo convosco e convidar-vos a um silêncio de reflexão durante 15 minutos. De seguida, iremos convidar-vos para uma conversa honesta sobre as questões levantadas, os vossos pensamentos e sentimentos; as vossas esperanças e os vossos sonhos. Queremos saber o que pensam sobre o que podemos oferecer à nossa igreja, na realidade deste momento.